

Algumas imagens da vida e da religião dos adolescentes

GASTÃO RIBEIRO PEREIRA VELOSO

Introdução

A lei da encarnação é central para a fé cristã: é preciso conhecer e encarnar na cultura em que as pessoas vivem, sonham, sofrem, amam, para que a Boa Nova de Jesus Cristo se torne inteligível e significativa para os homens e mulheres de hoje. Ora, isso implica um grande desafio porque, por um lado, é necessário acolher os questionamentos que a cultura contemporânea coloca à fé cristã e, por outro lado, é indispensável assumir uma postura crítica e interpeladora em relação aos elementos do contexto cultural que se opõem à visão cristã da realidade. Os cristãos não podem ser indiferentes ao mundo em que vivem mas, pelo contrário, devem procurar transformar as configurações humanas e sociais ambíguas e, à luz do Evangelho, trilhar caminhos que gerem vida em abundância para todos (Jo 10,10)!

O primeiro passo neste processo implica conhecer a trama com que se tece a vida concreta das pessoas. Por isso, a realidade dos adolescentes que frequentam a escola, concretamente as imagens que têm da vida e da religião, é o objecto de análise deste trabalho.

Ao usar-se a expressão imagens – ou representações, enquanto complexo estruturado de imagens – pretende-se assinalar a ideia de que é a partir delas que se constróem modelos estruturados de pensamento e de acção. Deste modo, as imagens que construímos influenciam o modo como interpretamos o que nos acontece e o que acontece à nossa

volta, bem como as respostas que damos ao que acontece ou julgamos ter acontecido.¹

Ao longo deste trabalho analisaram-se dados provenientes de dois grupos distintos de inquiridos. Os dados relativos ao grupo denominado «Amostra Nacional» foram retirados da obra: SILVA Augusto *et al.*, *Vida, Escola e Religião no Imaginário Juvenil*, Braga, Editorial A.O. / Lisboa, GRACOS (Col. «Fé e Educação») ² A razão da escolha desta amostra deve-se ao facto de ela ser constituída, exclusivamente, por adolescentes a frequentar a escola. Os dados relativos ao grupo denominado «Amostra Escolas» foram obtidos através de um inquérito construído a partir de questões elaboradas no estudo realizado pelo CEPCEP / CESOP / CSJB. Os inquiridos deste grupo são alunos inscritos em Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) de três escolas da cidade de Braga. Trata-se de uma amostra, sem valor estatístico, apresentada como um «estudo de caso» ³, susceptível de provocar diálogo e reflexão, numa acção de formação sobre a temática «Escola e transmissão da Fé – linguagens da fé em contexto escolar». A tabela 1 apresenta alguns elementos das referidas amostras.

¹ Cf. SILVA Augusto da, SILVA Carlos da, ALFREDO Tânia, (2002), «Os Jovens Estudantes e a Religião» in: SILVA Augusto *et al.*, *Vida, Escola e Religião no Imaginário Juvenil*, Braga, Editorial A.O. / Lisboa, GRACOS (Coll. «Fé e Educação»). «Toda a representação é composta de figuras e expressões socializadas. É conjuntamente, uma representação social e organização de imagens e linguagem, porque ela desenha e simboliza actos e situações que nos são ou se nos tornam comuns» (*ibid*: 127).

² Os resultados aqui publicados – sob o nome Amostra Nacional – são fruto do trabalho conjunto de três entidades: o Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP), o Centro de Estudos e Sondagens de Opinião (CESOP) – ambos da Universidade Católica Portuguesa – e o Colégio de S. João de Brito (CSJB). Trata-se de uma amostra definida e realizada de forma a garantir a representatividade dos seus resultados para toda a população escolar portuguesa do continente. Para mais informações sobre esta amostra consultar: SILVA Carlos, COSTA Rosalina, (2002), «Notas Metodológicas» in: SILVA Augusto *et al.*, *Vida, Escola e Religião no Imaginário Juvenil*, Braga, Editorial A.O. / Lisboa, GRACOS (Coll. «Fé e Educação»).

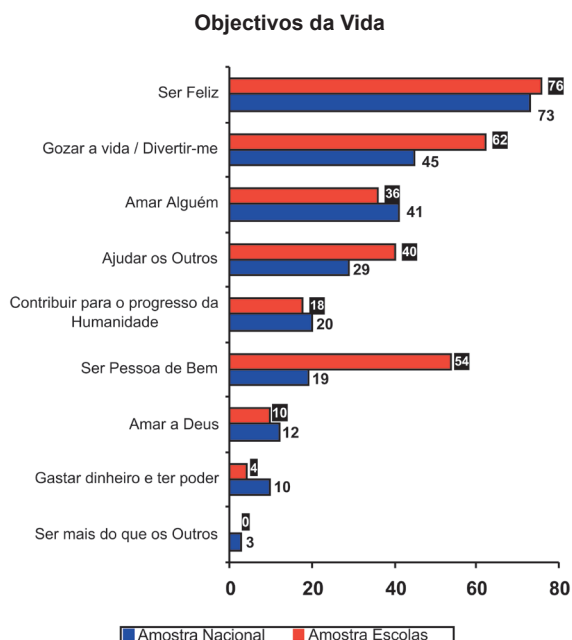
³ «Os estudos de caso correspondem a um método que privilegia o estudo de situações singulares como uma estratégia de abordagem e compreensão da realidade (...) mesmo que num estudo de caso se aborde, somente, um indivíduo ou um acontecimento, estes contêm em si as marcas de um tempo e de uma cultura que transcendem os universos particulares onde esses indivíduos se movimentam e esses acontecimentos ocorrem. As marcas de um tempo e de uma cultura adquirem, por seu lado, um corpo concreto através do qual ganham vida, forma, cor e movimento.» (Rui Trindade, 2002: 28).

AMOSTRA NACIONAL (Data: 1997; Base: 1501 inquiridos válidos)					AMOSTRA ESCOLAS (Data: 2007; Base: 50 inquiridos válidos)			
Sexo (Composição em %)		Idade (Composição em %)			Sexo (Composição em %)		Idade (Composição em %)	
Masculino	Feminino	13-14 anos	15-16 anos	17-18 anos	Masculino	Feminino	13-14anos	15-16 anos
52	48	36	37	27	50	50	56	44

Tabela 1: Composição quanto ao sexo e à idade dos inquiridos da Amostra Nacional e Amostra Escolas

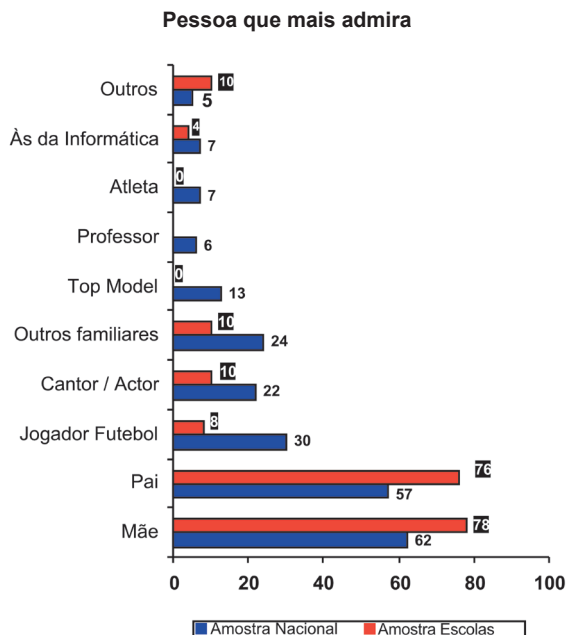
Na discussão dos dados da Amostra Nacional são retomados e desenvolvidos alguns comentários de ordem sociológica, pedagógica e teológica, publicados nas obras: BURGUETE Nuno *et al.*, (1998), *Jovens De Hoje, Cidadãos De Amanhã*, Braga, Editorial A.O./Lisboa, GRACOS (Coll. «Fé e Educação») e SILVA Augusto *et al.*, (2002), *Vida, Escola e Religião no Imaginário Juvenil*, Braga, Editorial A.O./Lisboa, GRACOS (Coll. «Fé e Educação»).

I – Imagens acerca da vida



Ser feliz é o principal objectivo dos adolescentes inquiridos na Amostra Nacional e Amostra Escolas. Nada mais natural! Ser feliz é, antes de tudo, um projecto de vida, um sonho a realizar, uma meta a atingir. Por isso, todos os outros indicadores estão relacionados com este, na medida em que ajudam a compreender como os adolescentes procuram alcançar a felicidade. Neles podem-se observar, por um lado, indicadores de hedonismo expressos nas afirmações: «Gozar a vida», «Gastar dinheiro e ter poder», «Ser mais do que os Outros» e, por outro lado, indicadores de altruísmo traduzidos nas atitudes: «Ajudar os outros», «Contribuir para o Progresso da Humanidade», «Amar a Deus». Considerando que os inquiridos são adolescentes, fase da vida na qual se busca a afirmação de si próprio e se espera a admiração e o apreço dos outros, o indicador «Amar Alguém» deverá expressar mais um sentir-se amado do que a manifestação de um amor desinteressado e voltado para o outro.

Os resultados apontam para caminhos divergentes, na incessante busca da felicidade, já que valores individualistas (confirmados por outros dados do inquérito, como veremos) coexistem com valores associados à solidariedade e ao bem comum.

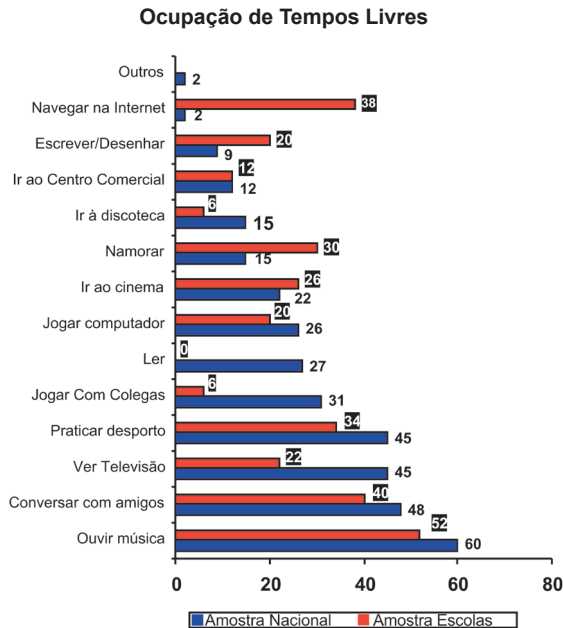


As pessoas que os inquiridos da Amostra Nacional e Amostra Escolas mais admiram são a mãe e o pai, dado que revela a importância fundamental da família. Os pais continuam a ser os principais modelos de identificação com

capacidade para apontar caminhos (pelo menos nesta fase ainda tenra da vida e até certo ponto, como se verá). Ora, se assim é, talvez se possa afirmar que muitos dos indicadores hedonistas e altruístas revelados pelos inquiridos têm a sua génese e sustentação no espaço familiar.

Depois da família, os principais modelos de identificação dos adolescentes provêm do mundo do espectáculo, construídos via «*mass media*»: o jogador de futebol, o cantor, o actor. O mundo mediático constitui a grande janela de abertura ao mundo exterior, rompendo com o pequeno e fechado ambiente familiar. Porém, o mundo que os adolescentes descobrem por esta via é, na realidade, um mundo virtual, cheio de brilho, sucesso e fantasia tão apelativo quanto irreal e manipulador. Não é de admirar, portanto, que os adolescentes idealizem o futuro como uma vida marcada pelo sucesso, pelo aplauso permanente, pelo intenso brilho dos holofotes, conseguido a todo o custo e sem olhar a meios, se necessário for.

A julgar pelos resultados aqui expressos, pouco ou nenhum espaço parece sobrar para modelos capazes de estimular a entreatajuda, a solidariedade ou a gratuidade. Outras figuras, como o professor, o político ou o líder religioso, parecem, também, contar muito pouco...

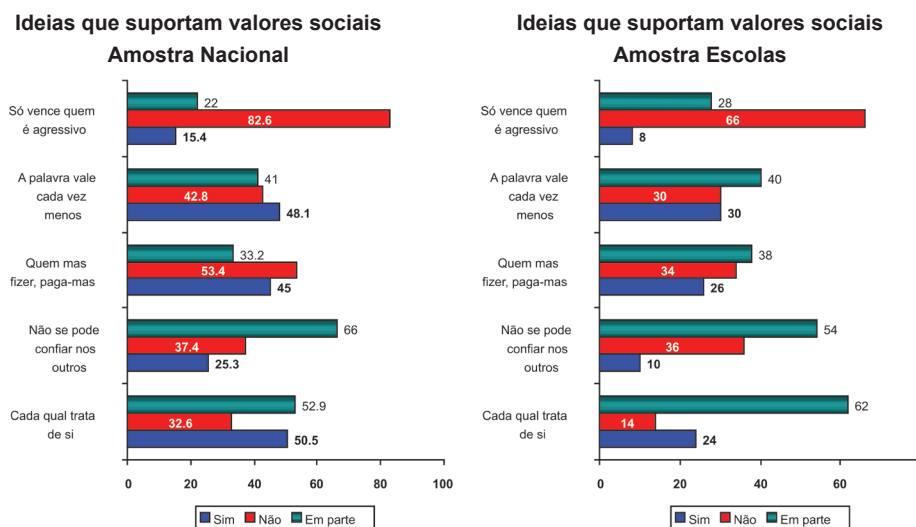


A ocupação de tempos livres oscila entre actividades de maior isolamento – «Ver Televisão», «Ouvir música», «Jogar computador», «Ler» – e outras que valorizam o «estar com» – «Conversar com os amigos», «Praticar desporto»,

«Jogar com os colegas» – sem um predomínio absoluto de um tipo de actividades sobre o outro. Em todas elas, porém, parece predominar mais o interesse próprio do que a abertura ao outro e às suas necessidades.

Os dados da Amostra Escolas – mais recentes cerca de nove anos do que os da Amostra Nacional – mostram a Internet a assumir um lugar cada vez mais importante na vida dos adolescentes. O mundo mediático impõe-se com toda a pujança!

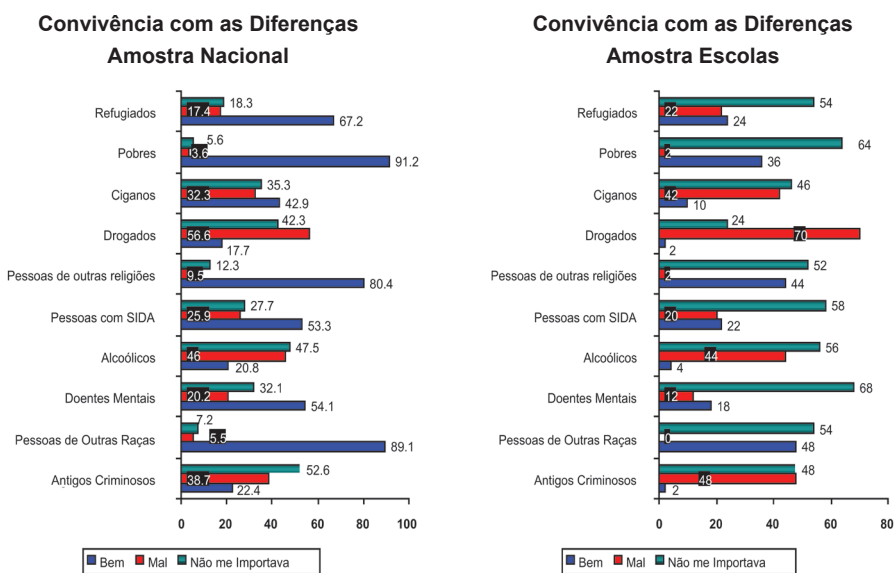
O «Conversar com os amigos» parece ocupar um lugar de destaque no tempo livre dos inquiridos. A importância dos amigos, o sentido de pertença a grupos – próprio da adolescência – é um valor importante. Neste terreno fértil, emerge a ética da convivialidade e esboçam-se solidariedades conviviais. Como afirma J. Machado Pais, os jovens vivem uma solidariedade de natureza convivial mais do que moral, esta última própria das gerações mais velhas (Machado Pais, 1998: 30ss).



A concordância total ou em parte com as afirmações «Cada qual trata de si», «Não se pode confiar nos outros» e «A palavra vale cada vez menos» manifestam atitudes de desconfiança e defesa, bem como um acentuado individualismo. Mais. Expressam um relativismo existencial e ético, na medida em que cada um deverá organizar a sua vida a partir e em função de si mesmo, sendo o horizonte último de sentido o indivíduo isolado com os seus interesses e necessidades. Partindo destes indicadores, pode-se imaginar o quanto se torna difícil construir uma sociedade mais comunitária e concretizar uma solidariedade activa, comprometida, exigente que supere uma solidariedade

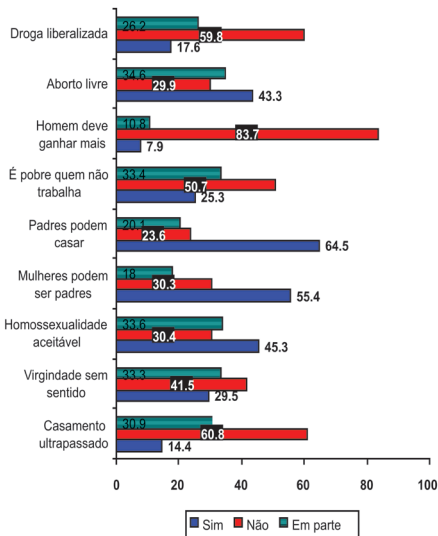
meramente convivial ou mesmo virtual, isto é, uma solidariedade sem conteúdo concreto, ao sabor de modas e de efémeras campanhas mediáticas alimentadas pela «comunicação de massas».

Indicadores positivos parecem ser a rejeição de que «Só vence quem é agressivo» e «Quem mas fizer, paga-mas». Embora a cultura contemporânea esteja profundamente marcada pelo individualismo, este parece não gerar rupturas que tornem a convivência impossível. Não há agressividade nem vingança. Antes, predomina uma certa tolerância e aceitação das diferenças, atitudes confirmadas pelos resultados da próxima figura.

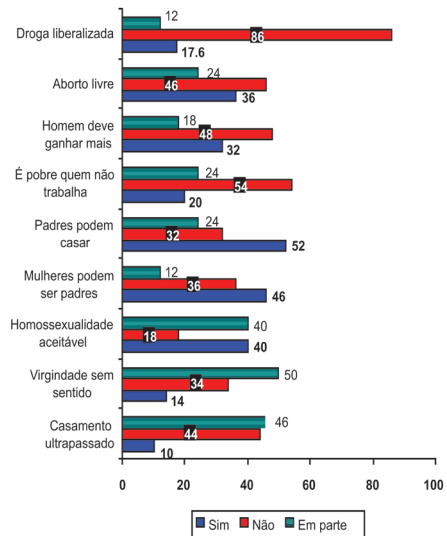


A crer nestes resultados, os jovens não parecem desenvolver atitudes racistas ou xenófobas. Na verdade, quer na Amostra Nacional quer na Amostra Escolas, só no caso dos drogados o número de inquiridos que afirmam conviver mal com essas pessoas é superior àqueles que dizem conviver bem ou não se importarem de conviver com pessoas com esse tipo de problema.

Perspectiva Moral - Amostra Nacional



Perspectiva Moral - Amostra Escolas



A não discriminação parece ser um valor claramente assumido pelos adolescentes. Rejeita-se que o homem ganhe mais do que a mulher, aceita-se a homossexualidade, defende-se o sacerdócio para as mulheres (por razões que se prendem com a igualdade dos sexos). A opinião favorável quanto ao casamento dos sacerdotes também não exprime fundamentos teológicos, mas uma profunda incompreensão da actual proibição. Paradoxalmente, há uma valorização da virgindade. O casamento surge com renovado vigor, talvez como reacção ao drama pessoal que significa assistir impotente à separação dos pais e sofrer as consequências de tal acontecimento no dia-a-dia.

Os resultados manifestam, ainda, uma permissividade relativamente ao aborto e grande desaprovação no que diz respeito à liberalização da droga (resultado concordante com o observado na figura relativa à «Convivência com as Diferenças»). Atendendo à idade dos inquiridos é compreensível que a maioria revele maior sensibilidade ao problema da droga, visto ser aquele com o qual, muitas vezes, são confrontados no dia-a-dia e que mais directamente os pode afectar.

Breves Considerações

Uma leitura das imagens da vida dos adolescentes mostra o quanto este grupo carrega dentro de si as marcas do seu tempo e é portador das esperanças e

ambiguidades que caracterizam a nossa contemporaneidade. Vive-se num mundo frenético, em contínua transformação a todos os níveis, incluindo a própria forma de conceber e realizar a existência. A mudança é um traço distintivo da realidade hodierna. E a dúvida e incerteza também, visto que poucos arriscam dizer o que irá acontecer no futuro. Esta situação gera instabilidade, insegurança, mal-estar nas pessoas e nos adolescentes, em particular! Na verdade, basta pensar que a este contexto sócio-cultural deve-se acrescentar a instabilidade própria da adolescência e a preponderância do individualismo que deixa cada um à sua sorte.

A família permanece como referência fundamental na construção da vida dos adolescentes. Alguns dados – como a admiração pelos pais e a valorização dada ao casamento – parecem confirmar essa realidade. Contudo, os ventos da mudança também se abateram sobre esta instituição e as coisas já não são o que eram. Por um lado, a família, enquanto principal instância socializadora, não tem hoje a «força» de outros tempos. Outras instâncias competem com ela – de modo particular os «*mass media*» – e exercem muita influência sobre os adolescentes trazendo para o seio familiar outras «imagens», outros valores, outros modos de vida, tantas vezes contrastantes com aqueles que são defendidos pela família. Por outro lado, na sociedade contemporânea parece prevalecer um modelo de *cultura pré-figurativa* (categoria proposta por M. Mead), segundo o qual as gerações mais novas também exercem uma importante influência sobre as outras gerações, adquirem autoridade e, de agentes socializados, transformam-se em agentes socializadores. Basta pensar, a título de exemplo, na capacidade que os adolescentes/jovens têm de influenciar o modo de vida dos mais velhos, iniciando-os no mundo da informática, da imagem, da música... (Machado Pais, *ibid*: 29-30).

A realidade actual é extremamente complexa e essa complexidade expressa-se, também, na presença de valores opostos nos dados observados, sinal de que o mundo não pode ser compreendido de forma simplista; não é um mundo a «preto ou branco». Antes, é um mundo de muitas cores, complexo, paradoxal, onde podem coexistir valores individualistas ao lado de outros altruístas.

Múltiplos valores positivos podem ser enunciados, tais como a aceitação da diferença, a tolerância para com as minorias, a não discriminação, a igualdade de oportunidades entre os sexos, a convivência multicultural. Os adolescentes que apresentam um radicalismo negativo, expresso na intolerância e na discriminação para com grupos minoritários, são uma pequena minoria.

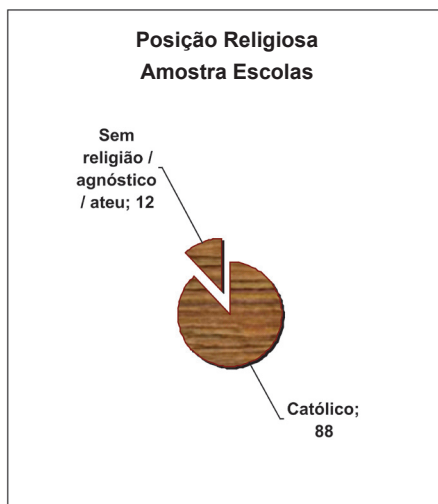
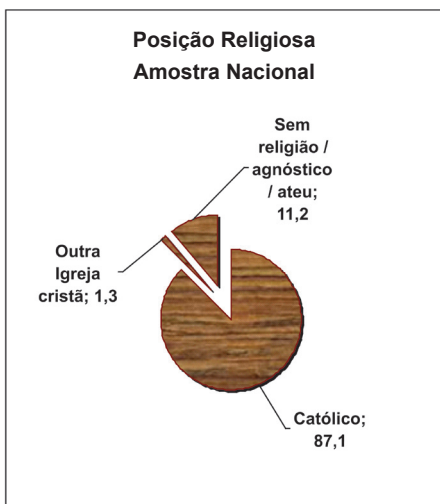
A solidariedade parece ser mais de natureza convivial, estabelecida num contexto de pluralismo e aceitação e vivida no âmbito restrito dos pequenos grupos de amigos, ou provocada virtualmente pelos «*mass media*», do que uma

solidariedade baseada em princípios sólidos e que implica responsabilidade e compromisso com os outros. Em todo o caso, o valor da solidariedade não surge como um valor absolutamente seguro, no contexto actual (cf. João Duque, 2006: 32-33).

Ao lado da família, o mundo mediático impõe a sua força e vontade. Os adolescentes vivem ora num ambiente pequeno e fechado formado pelo ciclo familiar ora completamente «sós», entregues a si próprios e absorvidos em mecanismos de pura virtualização, num processo comunicativo que não está mais assente numa relação de proximidade física, mas pelo contrário, é realizado à distância, na mediação feita por meios técnicos. As relações inter-humanas anulam-se, as competências sociais fragilizam-se. Constrói-se um adolescente isolado e mais individualista, mas, paradoxalmente, também um indivíduo massificado e despersonalizado, graças à manipulação que sobre ele exerce o mundo mediático (cf. *ibid.*: 29-30).

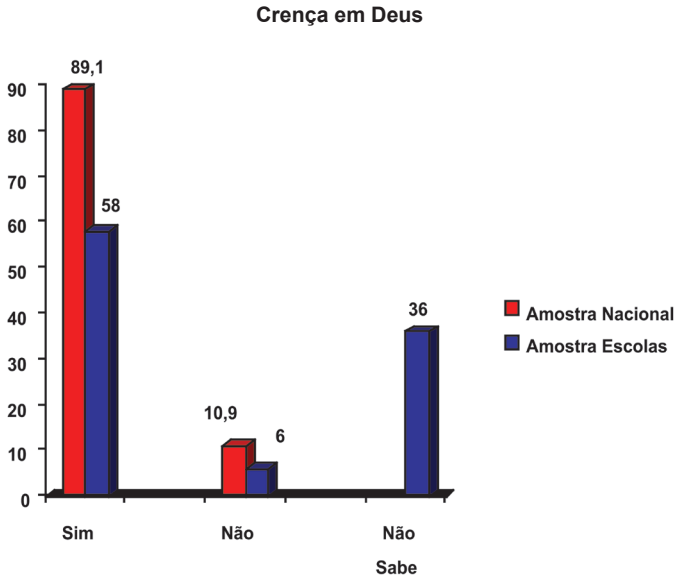
Os dados apontam, por fim, para a presença de um relativismo ético: não há normas claras de censura a qualquer comportamento (excepção feita à liberalização da droga). Cada um parece ser livre de seguir o seu próprio caminho, sem distinção clara do que é o bem ou o mal (cf. dados sobre aceitação do aborto, homossexualidade,...).

II – Imagens acerca da Religião



Quando confrontados com a questão da pertença religiosa, 87,1% dos inquiridos da Amostra Nacional e 88% da Amostra Escolas afirmam-se católicos,

facto que revela uma significativa presença do catolicismo no universo religioso estudantil português.⁴



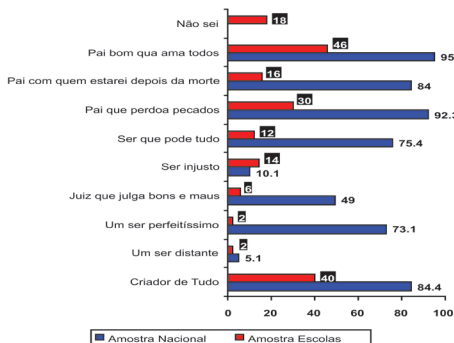
Também a crença em Deus se encontra profundamente enraizada na população juvenil: 89,1% na Amostra Nacional e 58% na Amostra Escolas. Quando convidados a posicionar-se perante o religioso, os adolescentes deste inquérito fazem-no afirmativamente mesmo com todas as contradições que possam estar implícitas nessa crença, como observaremos. Na Amostra Escolas há um elevado número de inquiridos que afirmam não saber se Deus existe ou não. Por detrás deste desconhecimento poderá estar instalada uma dúvida, uma «questão não resolvida». E se assim for, esta dúvida interior poderá ser um excelente caminho para chegar ao mistério que é Deus.

A pessoa humana é fundamentalmente religiosa: busca o sentido da sua vida, aspira a uma vida de plenitude, carrega, no mais íntimo de si, a questão da transcendência, do absoluto. Porém, esta dimensão religiosa que a liga ao transcendente pode revelar-se profundamente ambígua, pode traduzir-se, simplesmente, no desejo de manipular a divindade a seu bel-prazer. É necessário

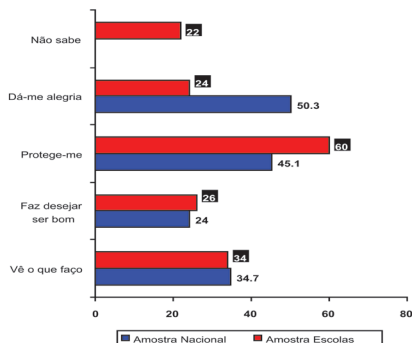
⁴ Considerando a totalidade da população portuguesa, – e não apenas a estudantil – 89,3% dos portugueses afirmam-se católicos.

compreender que tipo de religiosidade transparece nas imagens deste inquérito. Pode conduzir para bem longe do que é a fé cristã...

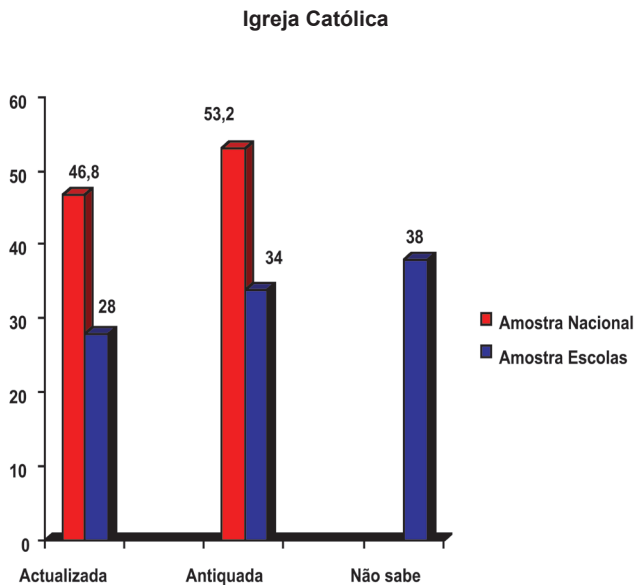
Afirmações acerca de Deus



Formas de acompanhamento de Deus

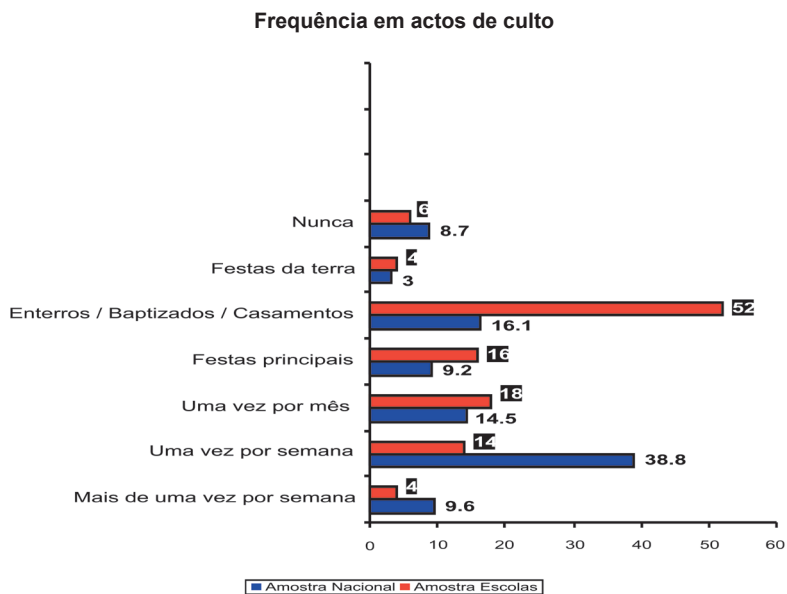


As imagens de Deus são extremamente positivas: Deus é Pai bom que ama, perdoa, criador de tudo quanto existe. É um Deus que acompanha de perto («Vê o que faço»), protege, dá alegria e ajuda na construção positiva da identidade pessoal («Faz desejar ser bom»). Parece, porém, um Deus muito «à medida» das necessidades dos adolescentes. Um Deus que não exige grandes compromissos nem propõe nenhuma «missão». Intervém no quotidiano de forma difusa e não se percebe que importância efectiva tem nas opções/decisões da vida de cada um.

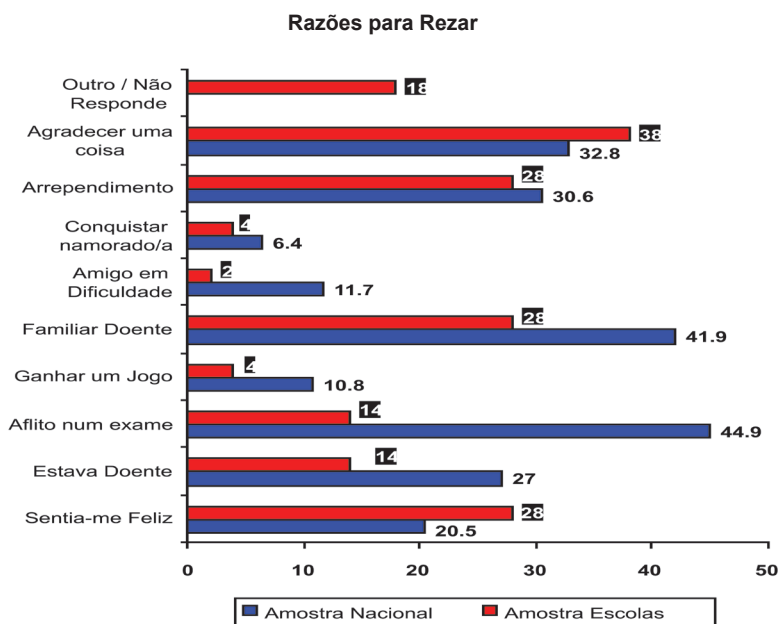


A situação é bem diferente quando se analisam os dados relativos à Igreja Católica. Na Amostra Nacional a maioria dos inquiridos – 53,2% – considera a Igreja antiquada; na Amostra Escolas apenas 28% considera que é uma instituição actualizada, dividindo-se os restantes inquiridos entre os que a consideram antiquada e os que não têm opinião formada sobre o assunto.

A consideração sobre a actualidade de uma instituição – e a consequente disponibilidade para seguir os valores que ela preconiza – depende muito da representação que se faz dessa mesma instituição. Ora, um sentido de pertença à Igreja dificilmente poderá ser compatível com a convicção de que é antiquada, sobretudo entre os adolescentes. Este indicador, associado a outros, aponta para uma desinstitucionalização da identidade religiosa destes inquiridos.

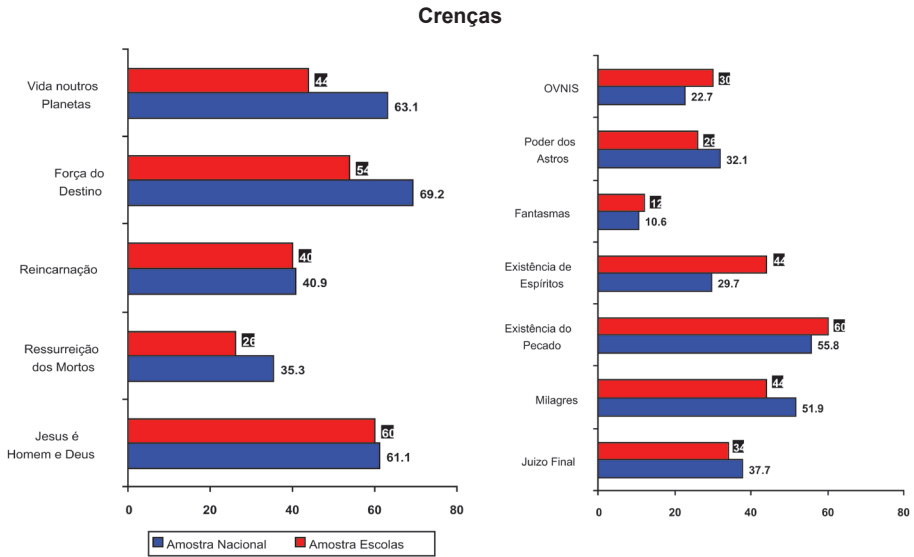


Na Amostra Nacional cerca de 40% dos inquiridos frequentam actos de culto uma vez por semana (Eucaristia dominical); na Amostra Escolas a grande maioria frequenta actos de culto em momentos da vida específicos, nomeadamente na celebração de baptizados, casamentos e funerais. Verifica-se uma alteração na frequência em actos de culto por parte das gerações mais novas que buscam menos a rotina da prática religiosa do que momentos específicos e talvez com maior significação para si próprios, mesmos que esporádicos.



A relação com Deus encerra aquela mesma característica já evidenciada na relação com os outros: o interesse próprio. Reza-se quando o próprio ou um familiar está doente, quando se está aflito num exame, para ganhar um jogo ou conquistar um/a namorado/a. Ou seja, recorre-se muitas vezes à oração numa lógica de consumo de certos bens, de acordo com os desejos e as necessidades. A oração, tal como a prática religiosa em geral, torna-se fragmentada, com uma base utilitarista e, por isso mesmo, com um valor determinado subjectivamente. Contudo, os adolescentes inquiridos também rezam quando as coisas correm bem e se sentem simplesmente felizes, quando querem agradecer e mostrar arrependimento.

Seja como for, a prática de rezar parece estar enraizada nos participantes deste inquérito. Talvez isso se deva por ser um acto de culto particular que não tem que ser realizado em local especial ou em conjunto; ou por se tratar de um acto que se ajusta a um certo individualismo, na forma como se realiza: sem intermediários, sem tempo ou lugar pré-determinado ou estabelecido por alguma «autoridade» (Augusto da Silva *et al*, 2002: 167-168).



O que entendes por...		
Ressurreição	Reincarnação	Pecado
<p>Outra vida</p> <p>Morre o corpo fica o espírito.</p> <p>Uma palhaçada porque os homens depois de mortos não voltam a sair do caixão.</p> <p>Uma punição de Deus a todos os que não deixaram os mortos morrer em paz.</p> <p>Impossível.</p> <p>A mesma coisa que reincarnação.</p> <p>Vida eterna dos mortos.</p> <p>É a ressurreição das pessoas boas.</p>	<p>Vida depois da morte.</p> <p>Alma de alguém que morre e volta para o corpo de outra pessoa que está a nascer.</p> <p>Morrer e voltar a nascer.</p> <p>Uma vida diferente.</p> <p>Coisa indeterminada.</p> <p>Quando morremos, passámos a ter uma vida diferente.</p> <p>Quando uma pessoa morre, entra dentro de outra pessoa ou animal.</p> <p>Não se sabe.</p> <p>Ressuscitar para outra vida.</p>	<p>Mal contra a Lei de Deus.</p> <p>Coisas contra os princípios da Igreja.</p> <p>É aquilo que fizemos mal e de que nos arrependemos.</p> <p>Algo que está na cabeça das pessoas.</p> <p>Não há pecado porque cada um sabe de si.</p> <p>Não existe e ninguém sabe dizer o que é.</p>

Tabela 2: Respostas da Amostra Escolas à questão: «O que entendes por Ressurreição, Reincarnação e Pecado?»

No que diz respeito às crenças, observam-se muitas incongruências.⁵ Numa população que se afirma majoritariamente católica apenas cerca de 60% dos inquiridos acredita na humanidade e divindade de Jesus Cristo (em ambas as Amostras), valor inferior à crença na força do destino (69,2%, Amostra Nacional) e na vida noutros planetas (63,1%, Amostra Nacional). A possibilidade de a religiosidade dos adolescentes não corresponder, em grande parte, ao conteúdo fundamental da fé cristã – ao «coração da fé cristã», centrada na pessoa e mistério de Jesus Cristo – parece ganhar consistência com estes dados.

A existência do pecado e o Juízo final são realidades nas quais 56% e 38% dos inquiridos da Amostra Nacional e 60% e 34% dos inquiridos da Amostra Escolas acreditam. Uma possível explicação para estes valores percentuais baixos atribui a causa a uma espécie de mecanismo que reage perante ideias que automaticamente repugnam ao individualismo hedonista (M. L. Pires e M. Antunes, *ibid*: 491). Um olhar às respostas dadas pelos adolescentes da Amostra Escolas também poderá ajudar a compreender os dados obtidos. Para alguns, o pecado surge, sobretudo, como uma realidade «extrínseca» – algo que vai contra a «Lei de Deus» ou contra «os princípios da Igreja» – que se impõe e fere a sua liberdade individual. Ora, isto é inaceitável num contexto cultural que afirma o primado do indivíduo e da liberdade pessoal. Para outros, cada um sabe de si e não há pecado. Na verdade, o «espírito narcisista e light» dos nossos tempos não pode aceitar um conceito tão «indesejável e desagradável» como é o de pecado. Ponto final! Outros ainda decidem conceder a existência ao pecado: colocando-o na cabeça ou arrependendo-se de alguma coisa. Mas, talvez se possa completar esta afirmação dizendo: se a pessoa quiser arrepender-se, ou dar-se ao trabalho disso, claro! Porém, que sentido tem, então, esta noção que chamamos de pecado?!

Quer na Amostra Nacional quer na Amostra Escolas, a fé na reencarnação é maior do que na ressurreição. Este dado poderá ser expressão de uma deficiente formação religiosa que conduz à confusão entre reencarnação e ressurreição. Os dados da tabela 2 podem confirmar esta observação, até certo ponto. Uma resposta dada afirma que a ressurreição e a reencarnação são a mesma realidade. Outras respostas são muito similares – quer estejam a procurar definir a ressurreição quer estejam a definir a reencarnação – e, de tão vagas e imprecisas, poderiam ser utilizadas como referência a esses dois conceitos radicalmente

⁵ Os dados da Amostra Nacional referentes à crença nos «*Ornís*», «*Poder dos Astros*», «*Fantasma*», «*Existência de Espíritos*», «*Existência do Pecado*», «*Milagres*», «*Juízo Final*» foram retirados de: Pires Maria Leonor, Antunes, Marinho, (1998), «*Vida Religiosa*» in: Machado Pais J., (Coord. Científica) et al., *Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, pp. 469-518. Os dados aqui apresentados foram obtidos através de um inquérito realizado a um grupo etário compreendido entre 15 e 24 anos.

distintos (ex: «Vida diferente», «Outra vida» «Quando morremos passamos a ter uma vida diferente»). Consta-se, ainda, a clara dualidade / separação entre corpo e espírito, presente nas respostas dos adolescentes inquiridos (ex: «Morre o corpo fica o espírito»), potenciada pelo conceito de reencarnação.

Outras respostas, contudo, apontam para uma distinção clara. De facto, algumas respostas dadas negam a existência da ressurreição (ex: «Uma palhaçada...», «Impossível») embora isso já não aconteça quando se trata de definir a reencarnação. Poderá a fé na reencarnação estar a ganhar maior força e número de crentes do que a ressurreição? Numa religiosidade marcada pelo sincretismo religioso, esta poderá ser uma hipótese a não descartar. Além do mais, a reencarnação poderá ser a «resolução» para o problema da morte, que conjuntamente com a doença e o sofrimento, a cultura actual recusa! A fé na reencarnação torna a morte inócua. O factor decisivo passa a ser a reencarnação, enquanto oportunidade para o ser humano desenvolver ao máximo as suas potencialidades. E se uma vida não for suficiente para tal, outras vidas e outras oportunidades surgirão nas sucessivas vidas futuras, via reencarnação...

Confira-se, ainda, o facto de algumas respostas dadas pelos adolescentes sobre a reencarnação apontarem para o conhecimento e o entendimento que, sobre esta realidade, têm algumas culturas orientais (ex: «Quando uma pessoa morre entra dentro de outra pessoa ou animal», «Alma de alguém que morre e volta para o corpo de outra pessoa que está a nascer»).

Muitos são os que acreditam, para além da força do destino e na vida noutros planetas, em Ovnis, na existência de espíritos, no poder dos astros e em fantasmas, na força no destino e na vida noutros planetas. Está-se perante um verdadeiro cocktail formado por elementos de diversas religiões, de ciências ocultas e terapias para todos os gostos. Decididamente, os objectos de crença não se restringem àqueles que constituem o património de fé da Igreja Católica. Assiste-se ao desenvolvimento de um conjunto de crenças, fora do contexto institucional, provenientes de outras tradições e movimentos religiosos e que, no seu conjunto, conferem uma matriz de contornos sincréticos à religiosidade contemporânea.

Os dados relativos ao conteúdo das crenças dos adolescentes revelam que eles se comportam como consumidores religiosos, que reelaboram os símbolos mais de acordo com os seus interesses vitais e com individualismo que manifestam, e que impõem condições à recepção pessoal do conteúdo religioso. Certas crenças são mais facilmente rejeitadas – como a existência do pecado ou do juízo final – e outras aceites, nomeadamente aquelas que podem ser mais facilmente reformuladas, como a crença em Deus (M. L. Pires e M. Antunes, *ibid*: 491).

Breves Considerações

Os adolescentes inquiridos apresentam uma significativa crença em Deus – e na sua relação com Ele através da oração – e elaboram uma imagem de Deus extremamente positiva. Contudo, uma questão pertinente deve ser colocada: de que Deus estão esses adolescentes a falar? Será Ele reconhecido como Pessoa, como o Pai de Jesus Cristo com quem se pode estabelecer uma relação pessoal e comprometida que afecta toda a existência, ou será sobretudo uma espécie de espírito ou força vital à qual se recorre na proporção das necessidades individuais?

Verifica-se uma clara desinstitucionalização expressa em múltiplos dados do inquérito: imagem da Igreja, tipo de crenças, relação pertença religiosa versus prática religiosa, perspectiva moral. Esta tendência implica a passagem das normas de sentido das instituições para a subjectividade. Por isso, os adolescentes assumem escolhas que, ora se identificam com a Igreja e os seus princípios, ora representam uma descontinuidade em relação a eles fruto de uma reinterpretação individual. Em qualquer dos casos, trata-se sempre de uma escolha privada, considerando-se que as matérias religiosas são uma questão do foro da consciência individual.

Esta privatização acentua o relativismo e a vivência difusa e fragmentada do religioso. A «emancipação institucional» torna-se sobretudo evidente nos aspectos mais polémicos, concretamente naqueles que dizem respeito à ética sexual (cf. dados sobre aborto, homossexualidade,...). Mas não só. Nas afirmações sobre Deus, prevalecendo a ideia «vaga» de um Deus bom, que ama e perdoa não se sabe muito bem o quê (cf. relativa fraca adesão à noção de pecado!), nada é afirmado sobre as exigências e compromissos que a relação de cada um com Ele acarreta. Os aspectos proféticos, difíceis, desagradáveis, inoportunos da vivência cristã são esquecidos. A privatização da fé conduz, portanto, a uma falta de abertura ao mundo, ao «universal», àquilo que são as lutas em prol das grandes causas e problemas do ser humano e do mundo, à luz do Evangelho. Ocorre clara ruptura entre, de um lado, a fé e, de outro lado, a vida/compromisso social.

Os adolescentes e jovens mais do que simples herdeiros e reprodutores de tradições são, eles mesmos, sujeitos-autores do seu processo de identificação humana e espiritual. Deste modo, mais do que identidade religiosa formada em determinado período da vida e decisiva para o resto da vida, deverá falar-se em construções identitárias religiosas em permanente devir (M. E. Leandro, 2002: 25-28). Fruto disto, surgem reelaborações heterodoxas que integram elementos estranhos à fé cristã como, por exemplo, a questão da reencarnação (cf tabela 2). Por isso, J. Machado Pais afirma que «a religiosidade dos portugueses é de natureza heterodoxa, sincrética e pessoal, muito embora sob o amplo chapéu de um catolicismo unificante» (Machado Pais, 2000: 11).

A família continua a ter um papel fundamental na transmissão da fé. Este processo depende, acima de tudo, da intensidade da implicação religiosa dos pais porque, como diz o provérbio popular, «a palavra convence, mas o exemplo arrasta». Porém, observa-se que em muitas famílias a dimensão da transmissão religiosa é relegada para segundo ou terceiro plano. Muitas vezes não há, por parte dos progenitores, preocupação em transmitir a tradição religiosa em nome da liberdade individual. Nesta matéria, consideram que os filhos devem escolher quando tiverem condições para tal. Por isso, pode-se encontrar na mesma família crentes praticantes, crentes não praticantes, agnósticos ou ateus, vivendo numa pacífica convivência, como seria expectável numa sociedade dita pluralista e democrática.

Do ponto de vista teológico, os resultados deste inquérito evidenciam notáveis incoerências e lacunas (cf. fé na divindade de Jesus Cristo / na ressurreição / reencarnação / existência do pecado-juízo final,...) fruto não só das reelaborações subjectivistas, mas também, na dificuldade na transmissão da fé, no ambiente sócio-cultural hodierno.

Conclusão

As imagens da vida e da religião dos adolescentes, reveladas ao longo deste trabalho, confirmam que eles são «filhos do tempo». Nas suas respostas encontram-se as marcas do individualismo, do relativismo, da massificação e de uma religiosidade difusa, vaga, fragmentada, individualista, narcisista, desinstitucionalizada, sincrética e reincarnacionista.

Trata-se de uma «religiosidade intuitiva». O transcendente é apelo, desafio ao imaginário, resposta aos desejos e às necessidades. E a «resposta» é realizada com as «ferramentas» que o contexto cultural fornece. Por isso, é uma religiosidade que se afasta do conteúdo da fé cristã, enquanto resposta ao dom de Deus e, portanto, acolhimento de Alguém que vem ao encontro do ser humano. A fé cristã é busca do Deus pessoal, do Deus revelado por Jesus Cristo, Verbo encarnado. Não é a fé num Deus impessoal que não tem nada de importante a dizer ao ser humano. Não é a fé num Deus «SOS», pronto a socorrer em cada emergência, ou ainda, não é a fé num Deus que é importante na medida em que proporciona uma experiência imediata de prazer, alegria e pura satisfação.

Perante esta realidade complexa, que respostas podem ser dadas? Mais concretamente, que papel pode desempenhar a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC)?

A educação deve contribuir para a personalização e este objectivo é, mais do que nunca, fundamental e necessário nos nossos dias. Ora, a disciplina de EMRC, ao trabalhar com os alunos a dimensão transcendente do ser humano, contribuiu para uma formação verdadeiramente integral, confere uma chave

de leitura e interpretação do mundo e da existência e ajuda na elaboração de um projecto de vida pessoal e com sentido. Deste modo, participa no processo de personalização, objectivo da educação no seu todo e, também, da educação em contexto escolar.

A disciplina de EMRC poderá trabalhar a dimensão transcendente desenvolvendo a «competência» e a sensibilidade religiosa de cada aluno, a partir de quatro aspectos (cf. J. F. Ambrósio, 2002: 62):

a sensibilidade religiosa, isto é, a aptidão para perceber a dimensão religiosa da realidade;

os conteúdos religiosos que permitam fazer leituras críticas e entender melhor determinada cultura/tradição presente nas sociedades;

a comunicação religiosa que permita conhecer, de forma clara, conceitos como a fé, a graça, o pecado, a ressurreição, a reencarnação... possibilitando o diálogo autêntico com as diferentes religiões, na medida em que se percebe o que querem dizer e o que, de facto, propõem;

o comportamento religioso que permita conhecer comportamentos religiosos como a oração, o culto, o compromisso, fundamental para compreender e aceitar determinadas acções/papéis religiosos.

Tudo isto poderá ser realizado no âmbito da disciplina de EMRC desde que estejam asseguradas duas condições: por um lado, a disciplina de EMRC não deverá desenvolver a dimensão religiosa do ser humano a partir de uma posição supostamente neutra ou abstracta, mas sim, a partir de uma religião concreta – a cristã/católica – pois sem modelos concretos não é possível reflectir esta dimensão; por outro lado, os conteúdos devem ser apresentados como proposta (nunca impostos!), como caminho /processo de aprendizagem da dimensão religiosa.

Assim, a disciplina de EMRC poderá ser um valioso contributo na clarificação do conteúdo da fé cristã. A situação espiritual dos nossos dias exige uma luta intensa contra o analfabetismo religioso, contra a fé débil que parece não conseguir dialogar com a cultura hodierna sem tremer, ou até, perder a sua identidade. No contexto actual, marcado pelo relativismo e pela pluralidade de interpretações, é necessário afirmar a identidade própria do cristianismo de forma clara e corajosa. Sem imposições, mas com firmeza. A fé cristã é «católica», é proposta para todos, quer dialogar com todos e, nesse diálogo fecundo com o mundo, partilhar a sua proposta salvífica com todas as culturas.

Por outro lado, a disciplina de EMRC promovendo autênticas relações inter-humanas – relações de «carne, osso e sangue», bem diferentes daquelas relações massificadas e virtuais que, tantas vezes, se vivem no quotidiano da vida – e fomentando atitudes de diálogo, amizade, partilha, criatividade, imaginação poderá ajudar a descobrir e experimentar outras dimensões fundamentais

da fé (para além do conteúdo, pois a fé cristã não é uma doutrina) como, por exemplo, as dimensões afectiva e simbólica da fé.

Karl Rahner afirmou que «o cristão do futuro será místico ou não será cristão». O futuro é hoje. É hoje que é urgente perceber que a fé não é teoria abstracta, mas a expressão da relação de Deus connosco no dia-a-dia, no mundo que nos é dado viver. Ajudar as pessoas a compreender e a viver esta verdade que é, fundamentalmente, graça, dom de Deus, comunicação do seu amor a todo o ser humano e ao ser humano todo – nas suas dimensões «corpo», «cabeça», «coração» – não é, afinal, ajudá-las a viver a sua dimensão religiosa de forma «competente»?

BIBLIOGRAFIA

- AMBRÓSIO, Juan Francisco, (2002), «As religiões na escola», In: *Revista Portuguesa de Ciência das Religiões*, Ano I, 2002 / n° 2, Lisboa, Centro de Estudos em Ciência das Religiões da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, pp. 59-63.
- BISCAIA Jorge, (2002), «Imagens dos Jovens portugueses acerca da vida» in: SILVA Augusto et al., *Vida, Escola e Religião no Imaginário Juvenil*, Braga, Editorial A.O./Lisboa, GRACOS (Coll. «Fé e Educação»), pp. 55-73.
- CRUZ Manuel Braga da, (1998), «Abordagem Sociológica» In: BURGUETE Nuno et al., *Jovens De Hoje, Cidadãos De Amanhã*, Braga, Editorial A.O./Lisboa, GRACOS (Coll. «Fé e Educação»), pp. 45-50.
- DUQUE João, (2006), «Contributos para uma hermenêutica cristã da cultura contemporânea», In: *Pastoral Catequética*, Ano II, 2006 / n°5, Lisboa, Secretariado Nacional da Educação Cristã, pp. 27-39.
- LEANDRO Maria Engrácia, (2002), «Herdeiros das identidades religiosas. Percursos juvenis contrastados entre as permanências e as inovações», In: *Revista Portuguesa de Ciência das Religiões*, Ano I, 2002 / n° 2, Lisboa, Centro de Estudos em Ciência das Religiões da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, pp. 19-37.
- MACHADO PAIS José, (1998),»Introdução» in: MACHADO PAIS J., (Coord. Científica) et al., *Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, pp. 17-58.
- MACHADO PAIS José, (2000),»Introdução» in: VILLAVERDE CABRAL M., et al., *Atitudes Sociais dos portugueses. Atitudes e práticas religiosas dos portugueses*, Lisboa, Imprensa e Ciências Sociais, pp. 9-11.
- PAIXÃO Maria de Lurdes, (1998), «A Leitura Pedagógica» In: BURGUETE Nuno et al., *Jovens De Hoje, Cidadãos De Amanhã*, Braga, Editorial A.O./Lisboa, GRACOS (Coll. «Fé e Educação»), pp. 101-109.

- PIRES Maria Leonor, ANTUNES, Marinho, (1998), «Vida Religiosa» in: MACHADO PAIS J., (Coord. Científica) et al., *Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, pp. 469-518.
- SILVA Augusto da, SILVA Carlos da, ALFREDO Tânia, (2002), «Os Jovens Estudantes e a Religião» in: SILVA Augusto et al., *Vida, Escola e Religião no Imaginário Juvenil*, Braga, Editorial A.O./Lisboa, GRACOS (Coll. «Fé e Educação»), pp. 123-177.
- TRINDADE Rui, (2002), *Experiências Educativas e Situações de Aprendizagem – Novas práticas pedagógicas*, Edições ASA.
- VAZ PINTO António, (1998), «A Perspectiva Teológica» In: BURGUETE Nuno et al., *Jovens De Hoje, Cidadãos De Amanhã*, Braga, Editorial A.O./Lisboa, GRACOS (Coll. «Fé e Educação»), pp. 87-97.